
HÁ PALAVRAS
QUE NASCERAM
× PARA A ×
•PORRADA•

HÁ PALAVRAS QUE NASCERAM PARA A PORRADA.

"Há palavras que nasceram para a porrada" é um concerto que resulta de uma parceria entre um conjunto de músicos e o projeto **"ALICE – Espelhos Estranhos, Lições Imprevistas" (Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra).** Nasceu da vontade de combinar arte e ciência, cruzando diferentes razões/emoções, e partilhar histórias marcadas pelas dinâmicas de exclusão e exploração de séculos de colonialismo, patriarcado, desigualdades sociais e segregação urbana. As narrativas são construídas a partir de motes e tópicos do projeto ALICE, adensados pela escrita e interpretação de um conjunto de rappers: **Capicua (Ana Matos Fernandes), Chullage (Nuno Santos), Hezbó MC (Jakilson Pereira) e Lbc Soldjah (Flávio Almada).**

O projeto **ALICE** assenta na ideia de que todos os saberes são incompletos, incluindo o saber científico. Compreender o mundo em que vivemos e sobretudo transformá-lo num mundo melhor exige que os diferentes saberes se reconheçam e se articulem. A **ecologia de saberes** que daqui decorre dá sentido, por exemplo, à aproximação ou fusão entre saber académico e saber artístico. As ciências sociais são tão valiosas quanto limitadas. Deixam de fora as reflexões e as propostas que não cabem na sua lógica narrativa. O diálogo entre as narrativas das ciências sociais e as do **RAP** constitui, assim um exercício de ecologia de saberes que, potencialmente, pelo menos, nos pode ajudar a compreender melhor o mundo e ser mais eficazes nas lutas contra a exploração, a discriminação e a opressão que o caracterizam

Foi a partir destas reflexões e dos desafios que elas suscitam que se estabeleceu o diálogo entre o projeto **ALICE** e o conjunto de rappers mencionado. A partir daí coube aos músicos o processo de criação que resultou num conjunto de composições nascidas desse exercício: **"A Mulher do Cacilheiro" (Capicua); "Líquida" (Capicua); "cacilheiro/navio negreiro" (Chullage); Nha Povo (Hezbó MC); Filhos do Vento (Hezbó MC); "Manifesto do S.U.L (Só a União libertará) no Norte" (Lbc Soldjah); "Odisseia de desemprego" (Lbc Soldjah).**

O Concerto será feito dessas e outras músicas, acompanhadas pela projeção de frases do livro ***RAP Global* escrito por Boaventura de Sousa Santos enquanto Queni N. S. L. Oeste (Rio de Janeiro, Aeroplano, 2010).**

Boaventura de Sousa Santos nasceu em Coimbra e é Diretor do Projeto ALICE. É Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Distinguished Legal Scholar da Faculdade de Direito da Universidade de Wisconsin–Madison e Global Legal Scholar da Universidade de Warwick. É igualmente diretor do Centro de Estudos Sociais (CES) da UC. Em 2009, lançou no Brasil "Rap Global", uma compilação de letras rap do seu personagem Queni N.S.L. Oeste.

ESPETÁCULO DE RAP
"HÁ PALAVRAS QUE NASCERAM PARA A PORRADA"

DATA › **13 DE JULHO DE 2014**
HORÁRIO › **00H30**
ARTISTAS › **CAPICUA, CHULLAGE, HEZBÓ MC E LBC SOLDJAH**
LOCAL › **PRAÇA DO COMÉRCIO**
EVENTO GRATUITO E ABERTO AO PÚBLICO



HÁ PALAVRAS QUE NASCERAM PARA A PORRADA.



Hezbó MC é Jakilson Pereira. Rapper e ativista, nasceu em Cabo Verde e vive na Cova da Moura. O seu trabalho resulta da cultura urbana do hip-hop onde se combina uma diversidade de mundos, visões, sons, harmonias e culturas. Entre as gravações, mixtapes ou fonogramas em que tem colaborado, contam-se "Entri Lagrimaz I Rimaz" (2008) ou "5 Séculos de indignação" (2012) do coletivo Plataforma Gueto. Recentemente lançou o trabalho "Fight Pá Txiga Freedom".



Capicua é Ana Matos Fernandes. Nascida na freguesia de Cedofeita, cresceu a gostar de rimas e de palavras ditas ao contrário. Com 15 anos descobriu o Hip Hop, primeiro pelos desenhos nas paredes, depois pelas rimas em cassetes, até chegar aos microfones. Em 2012 lançou o seu aclamado disco de estreia e, este ano, editou "Sereia Louca", onde entre poesia feita do quotidiano e um registo de intervenção confirma a sua multidimensionalidade e um lugar destacado no universo do rap português.

LBC SOLDJAH (Luta Bu Consigui/ luta Bu Conquista) é Fláuio Almada. Rapper e ativista cabo-verdiano, vive na Cova da Moura desde de 2002. Começou a escrever rimas aos 14 anos e atualmente usa o Hip Hop como ferramenta para a consciencialização e emancipação. Faz parte de vários grupos de artistas e ativistas sociais, incluindo "Nóz Ki Násí Ómi Ki Ta Móri Ómi" e "Plataforma Gueto". Tem dois trabalhos editados: "Lágrimas de Sangue" (2009) e "V2D Destinadu a vensi" (2012).



Chullage é Nuno Santos, um rapper e ativista português nascido na Arrentela (Seixal), filho de pais cabo-verdianos. Começou a ouvir música por influência do pai, também músico, e aos 15 anos, escreveu as primeiras letras. A luta de classes e a desigualdade racial são temas sempre presentes no seu trabalho que tem vindo a revolucionar o hip-hop em Portugal em três discos maiores ("Rapresálias", 2001; "Rapensar", 2004; e "Rapressão", 2012), clarificando a sua posição de referência maior nesse universo.



MÚSICAS COMPOSTAS EM DIÁLOGO COM O PROJETO ALICE

A MULHER DO CACILHEIRO (CAPICUA)

Passa o passe pelo torniquete, espera que o portão abra
Assim que a hora chegue, para que o barco saia,
Ainda é de madrugada, o ar frio corta-lhe a cara,
E no cais os sons metálicos são a banda sonora
Um grito de gaivota, um puto chora com sono
Enquanto a mãe tenta cala-lo com um biberon de leite morno
E ela lembra-se dos filhos que ficaram sós em casa
E dos filhos da patroa pra cuidar na outra margem
Já se vê Lisboa ao fundo que amanhece sonolenta,
E o motor do barco reza numa lengalenga lenta...
Come bolacha Maria, ali sentada entre as mulheres
E na revista Maria fica a par dos fait-divers.
Mão gretada da lixívia, pele negra, cabelo curto
Saudade de Cabo Verde, Vontade de um mundo justo
Porque é sempre mais difícil para ela que tem um útero
Escolher a solidão entre um bêbedo e um adúltero
E entre o pó e a sanita vai limpar também as lágrimas
E vai rezar a Fátima pra filha não estar grávida!
Este balanço do barco lembra o mar de Santiago
E ao largo do Barreiro quase vê a ilha de Maio
Quase sente o mesmo cheiro e vai crescendo o seu desejo
De seguir no Cacilheiro a eito até Pedra Badejo
Até que vê a ponte "Salazar" ali ao lado esquerdo
Ou "25 de Abril" como agora é bom dizer
E percebe que mesmo que façam pontes sobre o rio
Ele é demasiado grande para que consigam unir-nos.
E ali no meio do Tejo, debaixo do céu azul
Deu conta que até Cristo virou as costas ao Sul.
Ali no meio das mulheres do barco da madrugada,
Sente a fadiga da lida, da faxina e da faina pesada
Sofre da dupla jornada, pra por comida na mesa
Com força de matriarca que arca com a despesa
E entre toda aquela gente, ela é só mais uma preta
Só mais uma imigrante, empregada da limpeza
Só mais uma que de longe vê a imponência imperial
Do tal Terreiro do Paço da Lisboa capital
Mais uma que à chegada vai dispersar da manada
Enquanto a cidade acorda já elas estão na batalha
Há muito tempo, porque o metro, o comboio e o autocarro
Podem-nos faltar à gente mas não a gente ao trabalho
São os outros cacilheiros, as outras pontes do povo
Porque a grande sobre o rio, mesmo quando o estado é novo
Tem nome de um grande herói da história colonial,
E ela é mais uma heroína que não interessa a Portugal
Em comum só este barco, o mesmo rio, o mesmo mar
E a mesma fé que esta vida foi feita pra navegar.
"Navegar é preciso, viver não é preciso."

LÍQUIDA (CAPICUA)

Eu uno e separo todas as margens do mundo
Inundo tudo, mergulho fundo
E quando me encolho junto mundos afastados
Empurro cascos de paquetes e barcos de escravos
Eu finto as redes do arrasto
Porque passo nos buracos e evaporo no espaço!
Eu é que te lavo, enquanto me sujas
Dou-me cristalina e pura e volto turva,
Imunda, até me fazer em espuma
E desabar de nuvem em chuva!
Batizo cristãos, engulo corpos na morte
Lavo a sua carne e dou as cinzas à sorte!
Sou forte, faço mover os moinhos
E no meu umbigo moram monstros marinhos...
Sou de todos e assumo qualquer forma,
Sem cor, sem sabor, inodora!
Sou líquida
E nasci para ser livre
Não há vidro que me prive
Nem o céu é o limite
Sou líquida
Sou a seiva do teu corpo
Severa em maremoto
Ou serena numa gota
Líquida!
Dou de beber à terra, dou vida, dou pesca, dou rega,
E por mim haverá guerra,
Se me quiserem presa, se me fizerem escassa
Se o meu corpo não chega, para a vossa festança
Serei uma ameaça, darei luta
Enquanto for engarrafada, vendida, poluta
Pela puta da indústria que me suja
E depois me quer privada e me rotula de sua!
Por mim caminham as mulheres do pé descalço
De mim desdenha quem as vê do outro lado
E o deserto tão perto, tão certo, tão vasto
A obra-prima do homem civilizado!
Faço a mesma falta ao iate, à jangada,
Ao pirata, à criada, ao diplomata
Mas a sede não mata na corte e na cubata
Com a mesma força e a mesma faca!
Azul de planeta azul
Dá o sal e a pimenta
O sul é o cabo da tormenta
E na barca do inferno bebo um shot de água benta
Só porque a sede é ciumenta
E quer matar mais do que a fome e a doença!
Azul de planeta azul
Dá açúcar e canela
O sul é o fundo da panela
E na caravela bebo um gole de água-ardente
Só pa que a gente não se lembre
Que o império já matou mais do que a sede!

CACILHEIRO/NAVIO NEGREIRO (CHULLAGE)

Vou certinho, vou certeiro
No horário do cacilheiro/
Volto torto, absorto
Sem nada no mealheiro/
Vou inteiro, no ponteiro
Do horário do cacilheiro/
Volto torto, quase morto
Morrer noutro paradeiro/
atras da sorte, do pregão forte
Dum governo cauteleiro/
Dia 30 anda a roda
Com mais um corte Caloteiro/
Vou pro norte achar a morte
Dar o corpo a um leiloeiro/
No vagão ou no porão
Deste navio cangalheiro/8
Neste caixão navegante
Flutuante galinheiro/
Nesta tumba ambulante
Errante roteiro/
leva e tras, leva e tras
do dormitório Pro aviário/
Num comércio transatlântico
Fluvial ou ferroviário/
Venho de Bissau e praia
De Faro ou Montemor/
De Luanda e maputo
Setúbal, campo maior/
De mindelo, dakar
De Paquistão da baia/
Venho do Sul para o norte
Sul no norte hoje dia/
Venho de noite, vou de noite
Deixo ca o meu dia/
Vou pa encher a barriga de alguem
E voltar de barriga vazia/
Vou e volto, vou envolto
Enjoo e maresia/
Piso a terra ja revolto
E como terra pra asia/ 20

Empilhado amontoado
Vou em pe ou vou sentado/
Em fileira agrilhoado
Vou vender-me no mercado/
Sou mercadoria peca
Sou igual ao resto do gado/
Sou peca tenho preço
Com nome de empregado/
Platar o cacau
Nas roças da capital/
Por uma ração de xeren e peixe
Vou alimentar o capital/
Com um código laboral
Que me deixou por minha conta e risco/
Mordo o isco a ver se petisco
E acabo a ser petisco/
Que nem pede fora d'gua
Vou que nem sardinha na lata/
De esfregona ou martelo
avental, de macacão ou bata/10
Vá precário ou vinculado
Dei a vida num contrato/
Nao vendo a alma porque
nao a tenho, Aqui sou indigenato/
Indigente e indigesto
Nunca serei indigitado/
Indignado vou indigando
E as as vezes o rio fica agitado/14
Mas lá voltam as águas calmas
E os brandos constumes/
E fico a ver passar navios
Movendo-me entre os cardumes/
Vendo a força do meus braços
Até vê-los cadavéricos/
Vendo-me até perder as forças
A germânicos e ibéricos/
E quando perder as forças
Tenho a caridade dos clérigos/
Até receber a extrema unção
E sair dos registos Numéricos/20

Nao cuf, nem setenave
Quimigal nem lisnave/
Nao ha mar para que eu pesque
Nao ha chao para que cave/
Nao expo, nao ha cril
Nao ha colombo nem metro/
Ja fui classe operaria
Agora so tenho o espectro/
Agora faço serviços
Sirvo biscoitos e bicas
Faço biscates e bicos
Limpo beatas e caricas/
Mare alta ou maré baixa
Nao muda a minha maré/
Vou com fé no meu trabalho
Mas so recebo ma fé/
Da estibordo da bombordo
Para mim so da a ré/
Este navio leva a bordo
Os restos mortais do Zé/
Quem soube da tempestade
Pôs-se na arca de noe/
Quem nao soube estende a mao
Ou chama Cristo ou maome/12
hora de ponta, ponta a ponta
É o frenesim do cacilheiro/
Mal o sol desce o horizonte
O rio vira carcereiro/
Aprisiona quem nao conta/
Pás contas do senhor banqueiro/
Uma cidade de faz de conta
Onde o rio faz de porteiro/
Tem cartão de consumo mínimo
E traje a rigor/
Ambiente seleccionado
So pó turista hispter e doutor/
Po filho do papa
Que vem para sua diversão/
Po filho do preto de serviço
Reserva-se o direito de admissão/20
Fica lá na prisão
erguida na outra margem/
Na prisão céu aberto
com torniquete e portagem/
Fica lá, fica à margem/
Fica bem, bem na margem/24
Na marginal dum rio vai crescendo
Marginal/
No excedente laboral
E contigente prisional/
No desemprego permanente
Com trabalho temporário/
Ou operário do crime
E trabalho comunitário/28

Passa o passe e o bilhete/
Abre e fecha o torniquete/
Lá vai o eterno grumete
Leva a preta leu'o preto
E no preço desta viagem
Ja me enfiaram o barrete/
E chega mais um cacilheiro
Servir quem chega de paquete/
Sigo em marcha fúnebre
Em compasso quaternário
Sem certeza de honorario
Neste navio funerário/
Do barreiro, de almada
Do Montijo do seixal/
E ver carne pa canhão
No vai-vem fluvial/
Passo a passo marco o passo
Lá vem mais um batalhão
Um exercito moribundo
A descer o batelão
O som duma marcha fúnebre
Que nos empurra pro porão
Deste navio negreiro
Que alimenta a escravidão
O mesmo poço dos negros
Mesma ribeira das naus
Herdeiro do escravo
Pão, pano e paus
O mesmo poço dos negros
A mesma ribeira das naus
A mesma Lisboa
Dum império no auge/
Vou produzir mais valia
Mas mais valia não produzir
Quando vejo o fruto do meu produto
Em submarinos Submergir
Num pais "pa inglês ver"
Faço tours pó turista/
Recepcionista e cozinheira,
Na brasileira Balconista/
Venho pa apoio ao cliente
Atender chamadas pa Tóquio/
Venho para servir buffets
Nos senhores do colóquio/

Fui peixeira lavadeira
Aguadeira, caiadeira/
Vendi fava mexilhão
Fui caiadeira, calhandreira

Engraxador do senhor doutor
De olhar altivo na cadeira/
Abanador de abanico
Meretriz e curandeira/
E lavo a merda da fidalguia
Deste pais de cabeleira/
Ainda sou a preta Fernanda
Ainda sou a faxineira/
Tenho sinha, tenho sinho
De segunda a segunda-feira/
Sou o motor desta cidade
O herói sem monumento/
Nao levo merda dos pombos
Mas com a do SEF a todo o momento/

Fui negro fujao
Cansado de tanto castigo/
Hoje sou problematico
Apátrida e sem abrigo/
Matéria prima dos psicólogos,
Sociólogos e antropólogos/
Dum diálogo cultural
Onde só oiço monologos/
Sem que hajam pedras neste charco
E de lágrimas que me encharco/
Num barco à deriva
Dos extremos ao arco/
Dum governo sem escudo
Pa tanta flechada do marco/
Ha manobras à direita
Que deixam num centro o sarko/
Ha uma aurora e um facho
Que se dizem a luz deste nevoeiro/
Mas nada vai iluminar o porão
Deste navio negreiro

Embarco neste barco
Que ja foi ao fundo e nao sabe/
E Náufrago a Sul duma Europa
Que diz que aqui nao cabe
O desespero dos países
Que que ocupa que suga/
Corre um rio de sangue
Da carne que sub sub aluga
Cacilheiro da transtejo
Ou cacilheiro da soflusa/
Cacilheiro do Sul
Que trás os escravos da fidalguia lusa/
Nau que vem servir
Os turista do cruzeiro com que se cruza/
Cacilheiro do tejo
Cacilheiro de lampedusa/

FILHOS DO VENTO (HEZBÓ MC)

Lisnave J. pimenta
Sofrimenta ki nha povo aguenta
Explorado na Cuf pá fidjo Sustenta
Na Mina Panasqueira dificuldade ki es infrenta
Foi pior k ultrapassa Cabo das tormentas
Supremacia ta leba a problema Sosial
Ta pos ta ignora kenha ki da kontributo pa Portugal
Sem lugar na história de Portugal
Moda Cigano na retrato Nacional
Prezensa Silenciado Moda negro na Portugal
Se bu ka ta akredita na Hezbo. Então
Pergunta José Tinhorão
Varios Seculos pá li sem aceitação
Marginalizado, Escravizado sem reputação
E ka kestão de ser vacilão
E k historia di preza sempre foi konta pá Leão
Es oculta historia de rebelião
Es kre mante nós mente na prisão

Refron:
Keli é historia ki ka ta bem na manual escolar
Mas é história de montis famílias e montes lar
Keli é historia ki ka ta bem na manual escolar
Mas é história de montis famílias e montes lar

Keli é historia ki ka ta bem na manual escolar
Mas é história de montis famílias e montes lar
Keli é historia ki ka ta bem na manual escolar
Mas é história de montis famílias e montes lar

Silenciamentu di povu
Mentira Sobri um Mundo Novu
Hipocrisia di Estado Novu
Perigo di história único
Opressom Guerra púnico
Di kondenados da Terra
Há homis k Kabra
Inxina a kumi pedra
Kapitalismo lei di mercado/ lei di Selva
Afrika pilhado
Direito de sidadom atropelado
Fronteira di Ocidente kontrolado
Frontex a kasa
Nha povu em masa
Em diresom a Europa
Mano ainda bu ka topa
Ma nós povu sta segui perkurso
Di nós rekurso
K é pilhado/ amontoado
Na Ocidente
Passado e prezente
Pouco kuza tem di diferente
Antes era kolonialismo
Goci é neocolonialismo
E nepotismo

Refron:
Keli é historia ki ka ta bem na manual escolar
Mas é história de montis famílias e montes lar
Keli é historia ki ka ta bem na manual escolar
Mas é história de montis famílias e montes lar

Keli é historia ki ka ta bem na manual escolar
Mas é história de montis famílias e montes lar
Keli é historia ki ka ta bem na manual escolar
Mas é história de montis famílias e montes lar

[tradução para português]

Lisnave J. Pimenta
Sofrimento que o meu povo aguentou
Explorados na Cuf para os filhos Sustentar
Na Mina da Panasqueira dificuldade que enfrentaram
Foi pior que ultrapassar o Cabo das Tormentas
Supremacia leva a problema Social
Ignorando quem deu contributo por Portugal
Sem lugar na história de Portugal
Como Cigano no retrato Nacional
Presença Silenciada como os negros em Portugal
Se não acreditas no Hezbo, então!
Perguntem ao José Tinhorão
Vários Séculos por aqui sem aceitação
Marginalizado/Escravizado, sem reputação
Não é por ser vacilão
É que a história da presa foi sempre contada pelo Leão
Querem Ocultar a história de rebelião
Querem manter as nossas mentes na prisão
Querem manter as nossas mentes na prisão

Refrão:
São histórias que não aparecem nos manuais escolares
Mas são histórias de muitas famílias e muitos lares
São histórias que não aparecem nos manuais escolares
Mas são histórias de muitas famílias e muitos lares
São histórias que não aparecem nos manuais escolares
Mas são histórias de muitas famílias e muitos lares
São histórias que não aparecem nos manuais escolares
Mas são histórias de muitas famílias e muitos lares
Silenciamento do povo
Mentira Sobre um Mundo Novo
Hipocrisia do Estado Novo
Perigo de história única
Opressão, Guerra púnica
De condenados da Terra
Há homens que as cabras
Ensinaram a comer pedras
Capitalismo lei do mercado/ lei da Selva
Africa pilhada
Direitos dos cidadãos atropelados
Fronteira do Ocidente controlada
Frontex à caça
Meu povo em massa
Em direcção à Europa
Os Manos ainda não perceberam?
Que o nosso povo segue o percurso
Dos nossos recursos
Que foram pilhados/ amontoados
No Ocidente
Passado e presente
Pouca coisa têm de diferente
Antes era colonialismo
Agora é o neocolonialismo
E nepotismo

Refrão:
São histórias que não aparecem nos manuais escolares
Mas são histórias de muitas famílias e muitos lares
São histórias que não aparecem nos manuais escolares
Mas são histórias de muitas famílias e muitos lares

São histórias que não aparecem nos manuais escolares
Mas são histórias de muitas famílias e muitos lares
São histórias que não aparecem nos manuais escolares
Mas são histórias de muitas famílias e muitos lares

NHA POVU (HEZBÓ MC)

Keli e nha povu
Oprimido e reprimido
Antes e pós stado novu
Forsa produtiva di kruzado novu
E nós k mas devia ter medo
Mas nau, e nos k mas ta apontado dedo
Na um manobra di distrasom di masa
E alienasom di masa
Zé povinho ta aplaudi kasa / kasa, kasa
Ku manul di intrusom
Pá perseguisom
A certos grupo sosial
E perfil rasial
Enkuanto k es ta kuida
Di kontas publika sem gera duvida
Parseria publiko/privado
Sako azul/ luvas dourado
BPN/ offshore/ submarino
E si ki es ta kuida di destino
Di zé povinho e mentis mekinho
Ali é subúrbio
No bem di subúrbio
Nós e di subúrbio
Undi forsa di ordem
Ta provoka desorde
Paramilitar ta romba porta
Família em afronta
Sobre ameasa di arma
Zé povinho ta bati palma
Palestina as vezes ta parse tao perto
Ali bu tem k sta atento
Melanina ka podi sirkula na subúrbio
Fora di orário
Pa ka ser vitima di prizom arbitrário
Violensia policial e diário
Mas kela ka ta bem na nenhum noticiário
E nenhum obra literário
Nenhum estudo etnográfico
Ali e ka sincero
Tanto mentira historiografiko
So pa aumenta ses grafiko
Refron: Keli e subúrbio
Konotado ku distúrbio
Deposito di mom di obra barata
Bem bu nem konstata
Kolonias dento de metropolis
Racismo/xenofobia e montis directris
Bode expiatório di es país
Bode expiatório di es país

Keli e retrato di um país
Xeio di sikatriz
K sofri 41 ano
Di ditadura di um tirano
Di nome Salazar
K deixa só ruina e azar
Salazar kolonilaista
Di pensamento fascista
Mentor di falso konkista
K em nomi di um pseudo pátria
Faze um pseudo guerra
Kontra movimentos independentista
E tudo ativista
Resultado 20 mil morto
K deixa país Semi morto
Deixa povu dezorientado
Salazar asasino di Afrikano
Em nomi di um purismo lusitano
Salazar torturador di comunista
Kriador di polisia fascista
Di nomi pide
Promotores di pensamento
di William lynch
Oprimido es kre dividi
Kamarada luta é pa kontinua
I e na rua
Por isso in ka ta flau adeus
Pamodi abo e dos meus
Ate manha kamarada
Fascista e pa poi barra
Enkaras moda thomas sankara
Korenti di pé dja no liberta
Opressom no ka podi seta
Soldadinho dja ka ta volta
Autóctones dja revolta
Na rua monti mil
25 de abril
Mas ainda monti retardado
Muntis dezinformado
Ta akredita na um pátria di Minho a Timor
Monti viúvas / famílias ku dor
Tanto sofrimento
Monti filhos di vento
Tanto sofrimento
Montis filhos di ventos
Montis filhos di ventos

Refron: Keli e subúrbio
Konotado ku distúrbio
Deposito di mom di obra barata
Bem bu nem konstata
Kolonias dento de metropolis
Racismo/xenofobia e montis directriz
Bode expiatório di es país
Bode expiatório di es país

[tradução para português]

Este é o meu povo
Oprimido e reprimido
Antes e após estado novo
Força produtiva de cruzado novo
Somos nós que devíamos ter medo
Mas não, é a nós que apontam o dedo
Numa manobra de distracção de massa
E alienação de massa
Zé-povinho aplaude a caça/ caça, caça
Com manual de instrução
Para perseguição
A certos grupos sociais
E perfis raciais
Enquanto cuidam
Das contas pública/ sem gerar duvida
Parceria público/privada
Saco azul, luvas douradas
BPN/ offshore/ submarinos
É assim que cuidam do destino
Do zé-povinho
E das mentes mesquinhas
Aqui é o subúrbio!
Viemos do subúrbio!
Somos de subúrbio!
Onde as forças da ordem
Provoca desordem
Paramilitares arrombam portas
Família em afronta
Sob ameaça de arma
Zé-povinho bate palma
Palestina às vezes parece ser perto
Aqui deves estar atento
Melanina não pode circular no subúrbio
Fora de horário
Pra não ser vítima de prisão arbitrária
Violência policial é diária
Mas não aparece em nenhum noticiário
Em nenhuma obra literária
Nenhum estudo etnográfico
É sincero
Muitas mentiras na história
Que aumentam o gráfico

Refrão:
Aqui é subúrbio
Conotado com distúrbio
Depósito de mão-de-obra barata
Anda cá constatar
Colónias dentro de metrópoles
Racismo/xenofobia e muitas diretrizes
Bode expiatório deste país
Bode expiatório deste país

Este é o retrato de um país
Cheio de cicatriz
Que sofreu 41 anos
De ditadura de um tirano
De nome Salazar
Que deixou só ruina e azar
Salazar colonialista
De pensamento fascista
Mentor de falsas conquistas
Que em nome de uma pseúdo pátria
Fez uma pseúdo guerra
Contra o movimento independentista
E todos os activistas
Resultados: 20 mil mortos
Que deixaram o país Semimorto
E o povo desorientado
Salazar assassino de Africano
Em nome de um purismo lusitano
Salazar torturador de comunista
Criador de polícia fascista
De nome Pide
Promotores do pensamento
de William Lynch
Oprimido querem dividir!
Camarada luta é para continuar
E é na rua
Por isso não te digo adeus
Porque és dos meus
Até amanhã camarada
Fascista deve se barrar
Encará-los como Thomas Sankara
Correntes dos pés já libertámos
Opressão não se pode aceitar
Soldadinho já não volta
Autóctones já revoltaram
Na rua muitos mil
25 De Abril
Mas ainda há muitos retardados
Muitos desinformados
Acreditam numa pátria de
Minho a timor
Muitas Viúvas, famílias
cheias de dor
Tanto sofrimento
Muitos Filhos de Ventos
Muitos Filhos de Ventos

Refrão:
Aqui é subúrbio
Conotado com distúrbio
Depósito de mão-de-obra barata
Anda cá constatar
Bem bu nem constata
Colónias dentro de metrópoles
Racismo/xenofobia e muitas
directrizes
Bode expiatório deste país
Bode expiatório deste país

"MANIFESTO DO S.U.L
(SÓ A UNIÃO LIBERTARÁ) NO NORTE" (LBC SOLDJAH).
Escrevo isto para todos os patriotas chauvinistas
A Todos racistas e espíritos nacionalistas
À Europa que diz que a civilização é algo apenas da sua compleição
À nação que se esconde por detrás da palavra integração
Não venho pedir a caridade, nem nenhum tipo de comiseração
Minha voz não é minha, é um punhado de gente a contestar
Diz-me, Como posso cantar o Heróis do Mar?
É o espelho do vosso orgulho de ser colonizador?
Querem-me cá, mas de joelhos, mas não estou cá de favor
As vossas missões civilizadora e integradora são cavalos de troia
Viajem nos vossos delírios e nas vossas paranoias
no Fardo branco, um passado, um presente mitificado
Destruíram a nossa cultura e disseram que nos civilizaram
Isto é como dizer aos judeus que Hitler os civilizou
Observo como as escolas ladinizam as nossas crianças
Ensinam-nas a admirar o colombo e o Leopold de Bélgica
Andaram pelo mundo a roubar e a fazer limpeza étnica
As ruas daqui têm nome de homens como Mussolini
A península Ibérica matou mais do que Hitler e Staline
O problema é que mataram indígenas e não os brancos,
É bizarro
Que o único negro que querem colocar no panteão
É aquele que apoiou o Salazar para manter a colonização
O professor disse-me que o colonialismo português foi suave
Caso não saibam, fiquem a saber
No meu bairro há um senhor com marcas de corrente no pé
Ele foi escravizado nas roças de São Tomé
O instrumental são gritos de Wirriamu com ruas cheias de sangue
Os corpos queimados pelo Napalm na Baixa de Casange
Mazelas de Batepá, sequelas da tragédia
As mulheres resistiram como a Catarina Eufémia
Europa é seletiva na construção da memória
Este som são páginas que faltam no vosso livro de «estórias»
Só nos colocam como escravos sem cultura nem literatura
E nunca falam de cientistas de antes da escravatura
Que imigraram para América antes de Cristovão Colombo
E África é mais do que a imagem de Pigmeus ou Congo
Mais do que os delírios dos autos de Gil vicente
Solipsismo é o traço de uma civilização decadente
Que diz que ser a única que inventou todas as ciências
Defi-ciência, eu trago as evidências
E as universidades que os norte africanos criaram na Andaluzia?
E Os filosófos gregos que foram aprender em Alexandria (Egipto)?
Sim, falo do passado, presente é fruto dele
Ainda estamos no mesmo mundo, não fica confuso
Os mesmos que foram pintados como canibais em bulas papais
São os mesmos que hoje são traçados os perfis racial e criminal
Demonizados, criminalizados nos telejornais
Usados para justificarem todos os problemas de Portugal
É uma herança cultural, está no imaginário colectivo
Retratarem-nos como exóticos, lascivos e violentos
Auto-Santificam e demonizam os "outros"
Mijo no lusotropicalismo, é o poeta louco
Com rap de protesto, este é o meu manifesto
Não são apenas versos, é o começo do progresso

Não condeno nada de dentro da minha caverna
A realidade não é a sombra projetada pelas luzes das lanternas
Agora, corre como sangue dos africanos nas veias do "Tuga",
E fica esquizofrénico com a obsessão de uma raça pura
Porque parece que sofres de dissonância cognitiva
Observa a europa civilizada, com as fronteiras do genocídio
Exigem-me o amor pela europa fortaleza
Que fabrica ameaças para pilhar riquezas
Observa-nos aqui, presos em guetos como imigrantes no Gilbratar
Patrulhado pelos cães da polícia paramilitar
E a mídia só coloca os crimes dos bairros em destaque
E nunca as crianças que produzem cacau e não comem chocolate
Eu sou o sul no norte, ostracizado, violentado, colonizado
Culpabilizado pelo fracasso do estado,
Nesse país que ensina e pratica ódio contra melanina
Sou AFRO mesmo que me coloques a cabeça dentro da lixívia
Não preciso da tua integração, preciso é de caneta e papel
Da determinação de Cabral e de Samora Machel
Da inspiração para escrever canções como Vitor Jara
De um líder pela revolução como Tomás Sankara
De um irmão como Zapata, de uma irmã como Assata
Um poeta como Amiri Barraka, é a sinfonia das barracas
Algazarras de revoltas como os Zanji no Iraque
Abandonei as tuas mentiras como o drogado que deixou as drogas
Levantando para combater como o inca Tupac Amaru
Não há justiça não há paz, enquanto meus irmãos estiverem nas prisões

Do submundo, é o mundo que as cameras só apontam
Quando é mau assunto, quando acontecem desgraças
Com estereótipos nos repertórios sem modo aleatório
Estamos aqui, acham que somos ratos de laboratório
Senhor doutor, não sou rato para vires cá me estudar
Senhor doutor, não sou animal para vires cá me observar
O bairro não é o espaço para fazerem o Gueto safari
Levantando-me, rebelde como os filhos de Kalahari
Porque o sul no norte não conhece a vossa democracia
O desemprego aqui triplica, crucificando as famílias
Obrigando os manos irem para aquela rotina suicida pela comida
Corações palpitando, plantados naquelas esquinas
A mãe está desesperada, arrependeu-se de ter imigrado
Passa dia a ler a bíblia, mas isso não evita as prisões
Reza o dia todo, mas aqui Deus nunca aparece
Mas se telefonares para 112, o diabo vem com a artilharia
Porque o sul no norte não pertence a classe alta
O Sul no norte é pobre como os brancos do Bairro da Serrafina
E mesmo dentro do norte, há um norte que é carente
Que luta todos os dias por uma refeição quente
Gritavam pela educação, e vocês estavam a inaugurar uma nova prisão
Somos negros, ciganos, brancos pobres nessa escravidão
A pobreza dói em Lisboa assim como no Porto
Exigimos ao governo o futuro, ele apontou-nos o aeroporto
Somos as tribos perdidas, que não serão divididas
Sou mais pró um branco pobre do que um José Eduardo dos Santos
E como canta José Mário Branco, precisamos «Mudar de Vida»
E quando o sino tocar para combate, virei com músicas de protesto
Como o Zeca Afonso
Para não cairmos no calabouço, na boca dos lobos
Neste inferno, fiquei sem o meu irmão mais novo
Só tinha 14 anos mas a polícia não lhe poupou
Por isso no norte tenho de andar como um soldado
Minha mente é uma arma, as rimas são as minhas balas
A Arma da sabedoria, é mais forte que os 9milímetros
Olha como estão a fazer dinheiro, quando matamos-nos uns aos outros
Assim como as grandes empresas andam a lucrar com o aumento do desemprego
Roubaram-nos o dinheiro e deram aos ladrões do BPN
E iludiram a sociedade que a ameaça são bairros como a Cova da Moura
Propaganda de meios de alienação social
Desenhados pelos demónios da engenharia social
Atingem o clímax quando somos mortos pela polícia
Lucrando com o flagelo social, directamente da sucata social
Observo como estão a manipular-nos
Desinformando-nos para não vermos quem anda a roubar-nos
Vai lá, acredita na Tel Lie Vision, segue na conspiração
Antes disso, observa a tua condição e observa as mansões deles
Desviam-nos a atenção e quando cairmos no real
Vamos ver que estamos todos escravizados porque são os banqueiros,
O Jerónimo Martins, o Belmiro Azevedo,
Balsemões que são os verdadeiros donos de Portugal

"ODISSEIA DE DESEMPREGO" (LBC SOLDJAH).

Narrador: Acordo sempre antes do sol, atravesso o Rio Tejo
Sou pedreiro, e não importa o tempo
Doente ou não, isso também não importa
Sem documentos, tenho de me sujeitar à esta exploração,
Os meus filhos têm de comer.
É hora de sair, só tenho tempo para lavar
O sovaco e vou correr com medo de
Defrontar com operação do SEF na Estação do Barco.
Greve outra vez?
Transeunte: Há muitos meses que não recebem o salário!
Os cientes percebem-nos, os otários ofendem-nos
Narrador: A multidão preencheu a estação.
Acendi um cigarro,
Estou sob tensão, procurei um canto,
Um banco, descansar um pouco
Obras é um sufoco. Dores em todo corpo.
Atravessa-me o cheiro do suor misturado com bagaço
"Passa-me à garafa para aliviar o cansaço "
Tirei mais um cigarro, ouvi alguém a gritar:
Senhora indignada: Trabalho e não me pagam, não dizem nada
Tenho contas para pagar, essa gente abusa
Narrador: É uma mulher com FMI na camisa
Fonix mais imposto.
E doutro lado ecoou mais uma outra voz
É um senhor de idade num tom de revolta:

Idoso reformado:
Senhor, eu não queria fazer isso mas escuta.
Trabalhei desde novo, descontei durante todos esses anos, todos os meses e agora não recebo nada.
A reforma não é suficiente nem para comprar os medicamentos.
Eu tenho sete filhos para sustentar.
Senhores, parem com esta brincadeira, isso não dá, assim não dá.

Narrador: Observei aquele senhor que sacrificou a vida toda
Hoje talvez a família até está a passar fome
Lembrei de mim, dos imigrantes «ilegais»
A voz do Didi atravessou-me à memória
Vozes do Didi:
É preciso uma residência para ter um contrato de trabalho
É preciso também um contrato de trabalho para obter a residência
No ano anterior, trabalhei, o patrão não me pagou o salário
Nem posso queixar, corro o risco do SEF me deportar
Narrador: Será que vale a pena sacrificar, e ficar na merda?
As coisas estão a ficar cada vez piores
Estou com tonturas, não sei se é do trabalho ou da bebida
Kara-alho, já estou aqui há mais de três horas
Se o barco demorar, chegarei às duas e tal
Depois tenho de acordar as cinco e tal, seguir para o mesmo ritual
A essa hora os meus filhos estão a dormir
Vivemos na mesma casa, só os vejos no fim de semana
Preciso apanhar ar, contemplei o mar
E as palavras do Didi ainda gritam na minha cabeça
Sem contrato de trabalho, se o patrão não me pagar, estou lixado.
Éh pah, O meu telemóvel está a chamar.

Narrador – alô!
Mulher do Narrador – Mas tu tás aonde?
Narrador – estou no Barco!
Mulher do Narrador – deves estar a beber!
Narrador – ham
Mulher do Narrador – olha, eu vou dormir, amanhã acordo ás 4 da manhã para ir trabalhar...
Narrador – sim, sim, siim.
Mulher do Narrador – o senhorio veio cá e deixou a ordem de despejo.
Narrador – esse homem também ...
Mulher do Narrador – também chegou a carta da Cresce, ainda nem pagamos o mês anterior.
Narrador – credo, chata, tudo isso, de uma vez só... porra...

Narrador: Muitos pensamentos encheram o meu espírito
Umas ideias violentas, preciso sair desta situação
Pensei até em «comer» esses gajos do banco, mas deixa estar
Uma senhora aproximou-se de mim e disse:
Senhora imigranta: "Tenho muito que dizer, meu caminho é incerto
Ser imigrante é um inferno, não há morada certa
Seja esperto, luta pela melhores condições de vida
És jovem, devias abandonar este país
Neste momento, já nem na obra encontramos trabalho
Narrador – Hehh, Onde chega o FMI, a miséria é a única a aumentar
Senhora Imigranta-"Não sei o que fazer, meu corpo já está desgastado,
De tanto trabalhar, já nem posso abaixar-me
Problemas de coluna, o meu marido está com os mesmos problemas
Fruto dos trabalhos das obras,
Trabalhou do Algarve ao Porto, no frio, no sol e na chuva
Aqui já deu o que tinha de dar e já não suporto esta renda
Tínhamos uma casa no Bairro da Santa Filomena
A câmara mandou demolir e disseram-nos " voltem para vossa terra,
vocês são os culpados pela nossa recessão económica e desemprego .
Narrador: Chegaram à crise e estão a culpar os imigrantes
Se querem deportar, deviam deportar a Troika"
Ativista dos direitos dos trabalhadores:
Aqui em Portugal, nós estamos assim:
O homem ou a mulher que produzem o pão, o salário não lhes chega para comprarem o Próprio pão que produziram.

OUTROS TEMAS DO CONCERTO

ALFAZEMA (CAPICUA)

Somos o fruto da cultura que nos tolhe
Que nos escraviza pela expectativa que escolhe
Impor em nossos corpos, tortos pra caber no molde
Impor em nossos sonhos, mortos pra servir a prole
Comportamentos amenos, a menos que sejas louca
Com recato e em privado, não te exponhas como a outra
Abre menos essa boca, poupa o teu questionamento
Rosto e corpo no ponto e com pouco pensamento, tento
Fazer diferente, ser diferente dessa norma militantemente
Ser exemplo contradizendo-o sempre
Com tradições nascem contradições opressivas
Como lições pra sermos fracas e reprimidas
Sem autoestima, postas de lado como um talher
Não foi pra isso que nasci uma mulher!
Não vou cumprir com a puta da expectativa
Não é para ela que oriento a minha vida...Nah!
Não vou cumprir com a puta da expectativa
Não é para ela que oriento a minha vida...
E franqueando vou repetir num sussurro
Aquilo que eu canto pra sorrir num dia escuro...
Eu cheiro a alfazema, eu sou poema,
Eu sou aquela que tu querias ao teu lado no cinema.
Eu cheiro a alfazema, eu sou poema,
Eu sou aquela que tu querias ao teu lado no cinema.

JUGULAR (CAPICUA)

Vida de escritório das 9 às 5,
Horas extraordinárias de borla até às 20 e tal,
Fora o fisco, fora o risco de ficar fora disto!
Cinto aperta é perto a jugular,
Carta aberta é conta pra pagar,
A fome aperta é perto o limiar,
Ferida aberta o abutre a voar!
Eureka deu merda moderna,
A moeda em queda e a meta,
Medem a média e dá nada...
Euro e Europa e Euribor
E ouro e outro que é diesel,
Cobre e coroa de níquel,
Cobras cobram sacrifícios!
Cortam no que comes e mantêm o vício,
O ministro fez a conta, és desperdício
E agora tens a escolha entre o precipício e a espada!
Espeta roda a faca e corta o pulso,
Ou cerra o punho, faz discurso!
Espeta roda a faca e corta o pulso,
Ou cerra o punho, faz discurso!
Como é que eu saio daqui? Como é que eu saio daqui?
Como é que eu saio daqui? Como é que eu saio daqui?
A cidade é ácida, a vida é ávida e rápida,
A idade é ápice e há de
Passar de dádiva a dívida!
Fera mecânica, nesta era do pânico,
Nesta mira automática, a nossa ira é vulcânica.
Selva sintética, nesta meca satânica,
Nesta merda higiénica a matemática é sádica!
Cinto aperta é perto a jugular,
Carta aberta é conta pra pagar,
A fome aperta é perto o limiar,
Ferida aberta o abutre a voar!

MEDO DO MEDO (CAPICUA)

Ouve o que eu te digo, vou-te contar um segredo,
É muito lucrativo que o mundo tenha medo,
Medo da gripe, são mais uns medicamentos,
Vem outra estirpe reforçar os dividendos,
Medo da crise e do crime como já vimos no filme,
Medo de ti e de mim, medo dos tempos,
Medo que seja tarde, medo que seja cedo
E medo de assustar-me se me apontares o dedo,
Medo de cães e de insectos, medo da multidão,
Medo do chão e do tecto, medo da solidão,
Medo de andar de carro, medo do avião,
Medo de ficar gordo velho e sem um tostão,
Medo do olho da rua e do olhar do patrão
E medo de morrer mais cedo do que a prestação,
Medo de não ser homem e de não ser jovem,
Medo dos que morrem e medo do não!
Medo de deus e medo da polícia,
Medo de não ir para o céu e medo da justiça,
Medo do escuro, do novo e do desconhecido,
Medo do caos e do povo e de ficar perdido,
Sozinho, sem guito e bem longe do ninho,
Medo do vinho, do grito e medo do vizinho,
Medo do fumo, do fogo, da água do mar,
Medo do fundo do poço, do louco e do ar,
Medo do medo, medo do medicamento,
Medo do raio, do trovão e do tormento,
Medo pelos meus e medo de acidentes,
Medo de judeus, negros, árabes, chineses,
Medo do "eu bem te disse", medo de dizer tolice,
Medo da verdade, da cidade e do apocalipse,
O medo da bancarrota e o medo do abismo,
O medo de abrir a boca e do terrorismo.
Medo da doença, das agulhas e dos hospitais,
Medo de abusar, de ser chato e de pedir demais,
De não sermos normais, de sermos poucos,
Medo dos roubos dos outros e de sermos loucos,
Medo da rotina e da responsabilidade,
Medo de ficar para tia e medo da idade,
Com isto compro mais cremes e ponho um alarme,
Com isto passo mais cheques e adormeço tarde,
Se não tomar a pastilha, se não ligar à família,
Se não tiver um gorila à porta de vigília,
Compro uma arma, agarro a mala, fecho o condomínio,
Olho por cima do ombro, defendo o meu domínio,
Protejo a propriedade que é privada e invade-me
A vontade de por grade à volta da realidade,
Do país e da cidade, do meu corpo e identidade,
Da casa e da sociedade, família e cara-metade...
Tenho tanto medo... nós temos tanto medo... tenho tanto medo...
Refrão:
O medo paga a farmácia, aceita a vigilância,
O medo paga à máfia pela segurança,
O medo teme de tudo por isso paga o seguro,
Por isso constrói o muro e mantém a distância!
Eles têm medo de que não tenhamos medo!

PEDRAS DA CALÇADA (CAPICUA)

(M7)
Euro Reality Show, quem é o primeiro a sair? E no Portugal real, quem consegue resistir? Quem consegue ver o país a mingar sem fazer nada? É de fazer atirar as pedras da calçada!

CAPICUA)
Em cada casa, cada rua, cada vila ou cidade, deste retângulo de terra e gente de capacidade, há um pai preocupado a ver a Sic Notícias, há ladrões e polícias e depois há a política, o jornal repetitivo só embrulha castanhas, porque "gordas" medonhas aqui já ninguém as estranha, os putos nos cursos e os adultos no esforço, até no fundo do poço, há mais um ralo que esvazia, no fundo desemprego quase um quarto, neste quarto dos fundos não há espaço para futorologia. E enquanto gastam tinta com discursos e resultados de estudos, esta geração emigra ou então brinca ao quarto escuro até aos 30 e de futuro ainda recebe um belo prato de arroz trinca!

Não somos a mão no charro, nem a boca atrás do jarro de cerveja, somos a gente que deseja outra coisa, esta foi-se, outro poiso, outra força! Oh nah! Isto é o jogo da forca! Não somos a língua abaixo do anti-depressivo, ou povo de lombo sob o couro do cinto, não somos ouvidos tapados, nem os punhos atados, não somos vivos calados, nem o mesmo de sempre! Não somos domesticados, somos os desgarrados, fomos habituados a este ranger de dentes. E não é a pasta que me preocupa, nem de quem é a culpa, nem quem é essa puta que manda nesta merda! O que eu quero saber é o que fazemos das pessoas? Somos mais Atenas que Bruxelas, não cabemos em Lisboa! E eu vejo o povo desmoralizado e fico triste, porque sem esperança este país não resiste!

Sem vontade de ficar, somos mais a partir do que a ficar, quem vai ficar para reconstruir? E sem faísca no olhar quem vai teimar, quem vai jurar nunca desistir? Percamos tudo menos a atitude, menos o rumo de futuro e a virtude desta juventude, menos o azimute! A utopia é a ousadia da semente que pariu o fruto!

PORTUGAL AOS PORTUGUESES 2014 (CHULLAGE)
Para aqueles que são daqui
Mas aqui não têm direito à voz
Porque são daqui
Mas não é aqui que têm os seus avós
Nasceram aqui, mas o B.I.
Nunca foi amarelo
Correram aqui mas viram-se
Ultrapassados pelo Obikwelo
Jogaram aqui mas acabaram
Fintados pelo Deco
Gritaram Portugal
Mas Portugal nunca fez eco
Viraram à esquerda e à direita
E deram de caras com um beco
Ajoelharam-se a Fatima
Mas falaram para o Boneco
Perdoa-me Deus se eu peco
Se este rap é blasfemia
Mas o Portugal do macho
Não é o Portugal da femea
O Portugal do rico
Não é o Portugal do pobre
Um Portugal de ouro e prata
E um Portugal de latão e cobre
O Portugal para o turismo
E um Portugal que se encobre
Portugal de Lisboa e Porto
E o resto pro Portugal que sobre
O Portugal dos Joe Berardos
E Belmiros de Azevedo
E aquele dos desempregados
E precarizados do recibo verde
Um que come tudo
E outro que tem o rendimento mínimo pra que sobreviva
Um Portugal que pensa que é livre
E outro que já nasceu na preventiva

Há um Portugal pra quem é eleito
Que não é o mesmo de quem elege
um Portugal que a polícia agride
Um Portugal de bancos privados
salvo pelo estado
E um que fica sem casa
Por causa do crédito mal parado
Há liceus privados
Para filhos de patrões
E para operários
Há escolas com cartazes de greve
Nos portões
Porque há condições para uns
Para outros há cortes orçamentais
Pra uns há clínicas privadas
Para outros há morte nos hospitais
Um Portugal de orientados
Pseudo rebeldes ditos morangos
E um de jovens pragados
Não mais rebeldes ditos gangs
Porque há um criado nas ruas e
outro criado nos colégios
Um que criado sem nada
E outro cheio de privilégios
O das pensões de 100 euros
E o das de 2000
Dos que querem um novo Salazar
E dos que querem outro 25 de Abril
Um que tem uns abaixo
E outros acima da justiça
Um que tem contas pra pagar
E outro que tem contas na Suíça
Um Portugal que pa matar a fome
E acaba estabelecimento prisional
E um Portugal que nos mata
de fome, e sai a rir do tribunal/

Um Portugal com acessos
Em todos os serviços, transportes e bodas
E um que praga em frente a um edifício
Numa cadeira de rodas
Um Portugal para gente esquelética
Que pode andar na moda
E um Portugal obeso
Com a qual ninguém se incomoda
Um Portugal algarvio, minhoto, ou alentejano,
Um Portugal brasileiro, ucraniano e africano
Paquistanês, chinês
Sa foda a nacionalidade
Um Portugal de todos
Que não dá a todos a mesma oportunidade
Um Portugal muçulmano, Judeu, protestante e católico
E outro ateu e não sei qual dos dois é mais diabólico
Um amado de atletas e artistas cheios de forma
E outro esquecido
De idosos doentes com uma miséria de reforma
Um Portugal com casas fechadas
A subir a especulação
E um Portugal em frente às fachadas
A dormir num cartão
Um Portugal com residência
Porque deu um milhão
E um Portugal que deu o litro
E agora tem ordem de expulsão
Um de filhinhos, mamas e papas
Sentados em sofás
E outro que vai pra rua gritar
Sem justiça não há paz

Há vários portugais mas
podia haver só um
Um outro Portugal é possível
se a luta for comum

CÂMARAS DE GÁS (CHULLAGE)
É aqui onde crescemos
Que vamos criar os nossos bebes
Em bairros atrás de fábricas
Que levam com o bafo das chaminés
Baratas, ratos, pulgas
A subirem-nos pelos pés
Skinheads com farda
Em peso a partir das dez
Igrejas ao desbarato
Pá manipular as fés
Sem bibliotecas nem jardins
Só vejo tascas, e cafés
Sem avós pá quem ta na rua
Sem guita pá por nas prés
Escolas no fim dos rankings
Pa nos manter no rês
Do chão
Desta pirâmide social
E vir o exercito de salvação
Da inclusão social
Somos o alvo do holocausto
Do controle populacional
Em reservas criadas
Pelo Racismo ambiental
Campos de concentração
Do excedente laboral
Contentores do desespero
Prisões da miséria
Longe do coração da cidade
Só mais uma artéria
Só mais um aterro sanitário
De quem se explora e se descarta
Como os escravos da Nike e Adidas
A volta de Jacarta

Hortas urbanas
Com monóxido de carbono
Que abrem buracos na nossa saúde
Bem antes do buraco do ozono
Alta incidência de cancro
Diabetes, Asma e bronquite
Não e coincidência
Vê onde fica a nossa street
Lá onde os lençóis de agua
Estão cheios de chumbo
E cursos de mecânica
Logo no teu primeiro chumbo
Lá onde fica a incineradora
Ou a fábrica de adubos
Lá onde já não sabes
Se é mesmo só agua que te sai dos tubos
Achas que é coincidência
Que antes moravas perto comboios e autocarros
E agora moras
Onde só saem aqueles têm carros
E autocarros passam cheios
E com demoras
E tens que sair duas horas
Antes pa chegares no bules a horas
Mas chegar num bules agora
É privilegio duma minoria
Porque cada vez mais de nós
Estão encostados a ver passar o dia
E ao fim do dia são encostados
E acabam no chão com hemorragia
Ecologia do medo
Cidade da eugenia
O centro dos burgueses e turistas
Servidos pela periferia
É um armazém, dormitório,
Reservatório, Aviário
Senzala onde fecha
O escravo voluntário
Que manda uns para as fábricas
E outros pró presidiário
Uns pró trabalho Temporário
Outros pró trabalho comunitário
Neste regime de trabalho forçado
Que nos escraviza num salário
Neste regime de consumo forçado
Hostiliza quem não tem salário
E nos isola num espaço
À mercê do interesse camarário
Que tira daqui e põe ali
Conforme o interesse imobiliário
Nas mãos das câmaras
E construtores e outros carteis
Que tiram-nos do centro
Onde querem construir hotéis
Nos põem longe pa
Dar segurança aos eleitores
Quando já não há obras nem limpeza
E passamos a invasores
E puta coincidência
Onde foste realojado
Sempre com um vento muito forte
E um aterro sanitário ao lado
Fábricas com tóxicos
Que circulam pelas nuvens
E tu tens, que pagar 20 euros
Cada vez que tu vens
Ao hospital
Mais dez pelos transportes,
Ou morres em casa
Em contenção orçamental
Achas que coincidência
Que só há supermercados baratos
Mas essa comida já não tem nutrientes,
Exceto hidratos
Rodeados de comida rápida
Altamente processada
Que alem de sal, gordura e açúcar
Não tem mais nada
De resto é carne de
Borracha
Verdura plástica
E essa comida modificada
Tem no selo uma suástica
Mas é a única
Que ainda podemos comprar
Nesta vala comum, onde lentamente
Nos estão a envenenar
REF
Tens que entender
Que não se trata de coincidência
Que esta e uma forma organizada
De violência
E o nosso povo
Sofre um genocídio
Se não compreendes
E o teu próprio suicídio

Como é que somos o povo
Mais exposto a violência
E tu pensas que é uma
Duma coincidência
E o nosso povo
Sofre um genocídio
Se não compreendes
E o teu próprio suicídio

Leftovers:
Tal como um fazendeiro africano
Que já não se consegue alimentar
Porque as terras dele servem
monoculturas que são pá exportar
Alimentar os animais
Que nos vão fartar
E um ciclo violento
Com 800 milhões com fome a tombar
Onde te ensinam
Que a pisar o outro é que evoluis
Que só és gente
Consoante o que Possuis
Pois o que possuis
Cheira a carne putrefacta
Dos milhões de negros que morrem
P'agente pa magnata
Com roupa de marca europeia
Feita na Jamaica ou Lesoto
Por 30 cêntimos a hora
Onde a maioria anda roto/
E uma forma de escravatura
Longe de ser um acaso/
A violência do lucro
Que nos mantém neste atraso/

RAP GLOBAL
QUENI N.S.L. OESTE

FRASES SELECIONADAS

[SELEÇÃO CAPICUA]

I.
Alguém está a esvaziar a consciência do mundo
E tu calado, fardado à silêncio!
Foste bem analfabetizado,
Fizeram de ti um eletrodoméstico rodeado de electro-selvagens
E o maior dos teus gritos é dado em silêncio!
Não te basta estar vivo entre tantos mortos.
Estar vivo deve ser outra coisa!
Há quanto tempo ninguém se revolta?
Morrer vivo é normal.
Não é normal viver morto.
O mundo está suspenso,
Não há vestígios de movimento.
A lua cresce desconexa à espera que a noite se revolte.
É urgente respirar!

II.
O império é um mistério, um refrigério, um cemitério,
Um negócio estranho que te deixou um nome grande de mais pró teu tamanho.
Para os cocktails de sangue inventam-se sabores:
Sangue-baunilha, sangue-limão,
Sangue-suave, sangue-açafrão,
Sangue-café, sangue-canção...
Acorda portuga que deus morreu com uma dose de cristo dada pelo mais romano dos humanos...
Diz às odes marítimas triunfais ou comezinhas
Que a morte chega cedo, sempre à mistura com a vida
E é ainda à mistura que um dia chega sozinha!
Acorda Portuga!
Regressaste a casa quando a casa já não estava em casa,
Foste para a Europa sem roupa,
Não tens função, não tens nação
A tua terra natal é uma estátua de sal!
No mundo estás em casa.
Em casa estás na rua.
Que país é este que no máximo flutua?

III.
A economia é uma dança macabra
Que se dança com o ventre vazio e a cabeça cheia.
A cidadania é um tapete...
O problema é a maioria andar debaixo dele...
A cultura que mata não sabe da cultura que morre
Da dor da cultura que sobra, da raiva da cultura que dobra.
Do lado de lá a vida é bela.
Do lado de cá a vida é bala!
Assimila a lição
Não há assimilação!
Tudo termina tudo tem um fim.
O dia acaba na noite, a noite acaba no dia, o futuro acaba em ti!
Não desesperes nem esperes sereno
Por um insulto mais pequeno.
Canta como se fosses
Outra emancipação
Sê irmão e irmanece!
Somos remotos,
Mas de vez em quando somos terramotos...
E quando faltar um futuro, escreve no muro "é a minha vez!".
Há palavras que nasceram para a porrada!

[SELEÇÃO BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS]

Este caminho é terminal quer dizer termina mal
A desumanidade sempre foi património da humanidade.
Ninguém sai vivo da vida
O governo são os governados em posição de distração
A fronteira do medo é igual a da atração
O império é um mistério, um refrigério, um cemitério
As teorias andam loucas em busca de dados
A luta de classes está na prateleira de baixo
O evangelho segundo santa esquerda ainda está por escrever
A raiva é saliva da alma
A poesia é o outro mundo que existe neste mundo
A morte nova é mais difícil de namorar
Alguma vez o rouxinol traduziu a natureza pró pardal?
A palavra humana faz eco mas o eco não se ouve
A prata da casa nunca foi prata
Há quanto tempo usas a mesma alma? Toma atenção ao prazo de validade
Fizeram de ti um eletrodoméstico rodeado de electro-selvagens
As árvores do pensamento são negras the trees of the mind are black
A memória é um som mudo rodeado de palavras em chamas
A história não dura sempre
É preciso decifrar a escrita nunca escrita
Alguém está a esvaziar a consistência do mundo
A resistência foi chamada ao gabinete da desistência e não voltou
Pensamentos com coleiras são bons para cães
Há palavras que nasceram prá porrada
A gente procura a luz. Mas se a luz é cega?
O templo do progresso é túmulo do progresso
Há quanto tempo ninguém se revolta?
Yoruba soy cantando voy llorando estoy
Dão dinheiro aos problemas e os problemas dão dinheiro
Os lugares em vez dos lugares estão sempre mais próximos
Pensa duas vezes antes de pensar uma só
Lembra-te do esquecimento que o resto tem dono
É urgente respirar
Quando faltar futuro escreve no muro é a minha vez
As nações estão a ficar transgénicas
Que haja ternura enquanto o inferno dura
Está frio na razão
A meteorologia é o que resta da epistemologia
O melhor das coisas começadas é não serem ainda o que virão a ser
O teu curriculum é estares vivo
Se morrer fosse bom os deuses eram mortais
A cultura que mata não sabe da cultura que morre
Da dor da cultura que sobra
Da raiva da cultura que dobra
A dieta da consciência mata mais que a obesidade da vida
Nem mil ritmos fazem dançar este peso de ser parte e só saber em parte
Há muito escravo sem escravatura e pensamento sem pensatura
Os heróis estão a evoluir para desherois
As vacas malhadas são a única democracia racial
O êxtase ocidental se não fosse mortal era acidental
Habitua-te ao cimento para não seres cimentado
Deseja depressa antes que os escombros se transformem em atração turística
A sabedoria sabe a dor





alice©

STRANGE MIRRORS
UNSUSPECTED LESSONS

ces Centro de Estudos Sociais
Laboratório Associado
Universidade de Coimbra

European Research Council
Established by the European Commission

IDEAS

CENTENÁRIO MUSEU NACIONAL DE MACHADO DE CASTRO

TAGV

TURISMO CENTRO DE PORTUGAL

RUC

PROFITECLA ESCOLA PROFISSIONAL

A ESCOLA DA NOITE

Mafia
Federação Cultural de Coimbra

• U C • FLUC FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FEUC FACULDADE DE ECONOMIA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CA COLÉGIO DAS ARTES UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FCTUC DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA

DCV DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA (FCTUC) UNIVERSIDADE DE COIMBRA

www.alice.ces.uc.pt
alice.ces.uc.pt/coloquio_alice

AliceProjectCES

alice_ces